



O Gaiato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V—N.º 120 Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
PAÇO DE SOUSA | 2 de Outubro de 1948 | Vales do Correio para CETE

UMA CARTA Outra vez a viajar OUTRA CARTA

*Essa minha pobre e querida
irmã que se foi de cá
ondei um mês a trabalhar
para os meus irmãos
pequeninhas com muita
alegria pelo afeto de me
deixar uma miçã pelas
almas das famílias dos
benfeitores dessa casa
com amor para a casa
linda para a minha
como criada de
cealir*

Visto como o sentir do homem não pode ser transmitido ao papel, eu quero fazer d'esta carta o mais que é possível; e assim, vem aqui a letra do punho que a escreveu.—Uma creada de servir. Se elle é sempre com muita confusão que eu subo todos os dias os degraus do altar, d'esta vez, ao celebrar esta missa é que foi! A' grandeza de Deus incompreensível, junta-se a grandeza inenarrável d'esta humilde creada de servir. Eu, o pobre falado o discutido; o homem das bocas do mundo. Eu peço-lhe aqui perdão, publicamente, de lhe tirar o lugar. A falada e discutida, havia de ser ela.

Esta carta é um estupendo facho de luz. Ela é a Sarça Divina do Monte Sinai: ondei um mês a trabalhar para os meus irmãos pequeninos. Não quaisquer, mas sim estes, duplamente irmãos, porque nem berço, nem peito, nem sorrisos, nem lume,—bastardos que ela perfilha, por um acto do seu amor! Parecia que servia seus amos e não; andou a trabalhar um mês inteiro para os irmãos d'ela: os meus pequeninos irmãos. Que trabalho perfeito e meritório!

Senhor do Céu; nós sabemos do Evangelho que dais entendimento aos humildes, e aos soberbos—confusão. Sabemos, sim, e eis os factos. Tenho aqui uma carta do Porto, aonde alguém diz que se comove com a leitura do jornal, ao vêr aqui a generosidade d'uns, ali o entusiasmo d'outros, além o sacrificio de mais outros.

Que dirá o senhor da carta ao lêr, agora, este heroísmo,—que dirá?
Não diz nada.
Chora!

Mas a carta é mais. O trabalho da heroína, não é sòmente pelos seus irmãos pequeninos. Ela abarca o universal; tem o olhar de Jesus! E' igualmente por todos quantos lhes fazem bem: As almas das famílias dos benfeitores d'essa casa. Não fala em pessoas, em indivíduos, em interesses. Vai direita às coisas fundas; — a alma. A alma é o homem. Não está o seu valor naquilo que elle possui. A heroína sem letras sabe isto. Sabe tudo. Ela é teóloga. Não é permuta; tão pouco dá para que lhe deem. Isso fazem os pagãos. Os pagãosinhos das Igrejas.

E', sim, uma Comunicação de Bens. Se os

Foi no sábado de manhã. Era o Morris. Era um administrador do famoso. Era o Manuel de Lisboa e eu também. Como quer que lhes cheirasse a jornada ó Estoril, os dois viajantes estiveram de véspera largo tempo na loja do Piriquito e este, largo tempo também, a retocar. Um d'elles, o administrador, era a primeira vez que fazia a barba, e como tinha pouca, queria pagar menos. Mas Piriquito é inexorável. Pagou a tabela em cheio: Dois mil reis com brilhantina. Pronto.

Eram dez, quando atravessamos a ponte. O administrador, ia por passeio. O Manuel, por causa do seu pai. Este vive em Lisboa, inválido, e se eu fico tão contente quando o rapaz vem a Paço de Sousa fazer o fim de semana, quanto mais o Pai, que o não via há dois anos! Eis a nota piedosa da nossa digressão.

A's treze, estávamos em Miranda. Tudo ardia de tanto calor! As obras da nova casa, estão muito adiantadas. Fica um amor! Os afeiçoados, dizem que não temos nenhuma como aquela. São os de lá. São os que lá nasceram. Eles teem razão. Não há casa como a nossa. Eu que tenho feito tantas, tão belas, tão confortáveis; eu não acho nenhuma tão linda como aquela aonde nasci! Eles teem razão.

Vem a hora do jantar. Comer. Foi caldo de abobora e arroz de pato! Era festa. Juntamos ali os três padres da Rua, o que já há muito não acontecia. Bem fôra que mais a miude acontecesse.

Ali resolvemos os peditórios do dia seguinte. Calhou o Buçaco ao Padre Adriano, a Figueira ó Manuel e eu ó Estoril. Resolveram os dois padres assim. Os Senhores, o Auge, as Posses;—para grandes embaixadas grandes embaixadores; e eu lá fui levado para tão longe, quando é certo que Padre Adriano lá iria num rufo. Ele é o do Tojal.

Não recusei. Não posso recusar. Fui. Talvez Padre Adriano aprenda agora a lição. Ele parece ter-se esquecido do que foi em S. Sebastião da Pedreira... Pois no Estoril, repetiu-se o caso. Tinha de se repetir. Aonde houver ostentação

Continua na 3.ª página

amos que ela serve são, também, amigos eficazes desta casa, também eles, por isso mesmo, entram na transação amorosa e fecunda. Aqui os gonzos do mundo. Tudo quanto não assente os alicerces nesta doutrina simples e escandalosa, tudo, por bem cimentado que seja, vem a desmoronar!

Ora muito bem. Se algum dos nossos leitores ainda duvida da Sabedoria de um Deus Vivo, Luz da Luz;—se ainda, que pergunte a si mesmo quem é que deu tal saber a uma mulher sem letras, qual é a autora da carta d'hoje: e bata no seu peito; Cumprimos. Cumprimos as disposições tais quais. Tinha aparecido um Sacerdote na aldeia, como de facto aparece uma vez por mês, em dias indeterminados. Os rapazes sabem, comprehendem, procuram. No dia seguinte, estávamos todos na capela. Eu, ao altar e eles em redor.

A anónima da carta, os benfeitores da casa, os beneficiados: — os meus irmãos pequeninos! Todos ali presentes, participantes, comunicantes, adoradores. Um só baptismo. Uma só fé. Um só Deus.

Há já alguns anos (não me recordo bem quando), saía eu da Missa na igreja da Estrêla, acercou-se de mim um rapazinho oferecendo o jornal «O Gaiato». Nessa altura, e durante muito tempo depois, ignorava eu que existisse a «Obra da Rua», e repeli o rapazinho e o seu jornal. Há tempos uma pessoa minha amiga falou-me no Senhor Padre Américo e na sua Obra, na «Casa do Gaiato» e no seu jornal. O mais curioso é que, desde esse célebre dia da Basílica da Estrêla, eu fiquei sempre com remorsos da minha acção, porque não sei o que era: alguma coisa me dizia que tinha feito mal, muito mal. E tenho pena de não ter probabilidades de saber quem era esse Rapaz que se abeirou de mim, para poder pedir-lhe desculpa do meu gesto tão indelicado e pouco compreensivo.

Desde que essa pessoa me falou na «Obra da Rua», sempre me lembrei, mais do que nunca, do que me acontecera um dia com um rapazinho que vendia «O Gaiato», e tive desejos de me aliviar um pouco do remorso que me punge, cooperando quanto possa na divulgação e propaganda da Obra que V. dirige.

Infelizmente não sou rica, para poder contribuir com uma quantia elevada para a Obra, mas espero que fará o favor de me aceitar a modesta quantia de 20\$00 por mês para o jornalzinho, pedindo eu desculpa de por tão insignificante preço pagar uma coisa de tanto valor pela Vida que encerra.

E, como digo, pela propaganda e divulgação da obra farei os possíveis por apagar o remorso que me persegue desde aquela cena triste com o Rapaz de «O Gaiato».

Não é por amor nem a propósito da Casa do Gaiato que se dá hoje à estampa esta carta. Não é. Episódios d'esta natureza, são frequentes na nossa vida de relação com o grande público. Diluem-se, de tantos.

O que sobremaneira me interessa, é aquêlê remorso que me punge.

Por aquela força misteriosa, o homem determina-se, resolve-se, começa todos os dias a querer ser melhor. Remorso que me compunge. Como gosto d'estas palavras! Como gosto de as deixar aqui!

A estrada dos grandes é esta. Este o caminho estreito de que fala o Evangelho.

E' o verdadeiro predicado do Homem. Nenhum outro animal se compunge nem sofre remorsos. Por elle nos tornamos divinos; aproximamos-nos de Deus.

E' alguém de Parede que fala assim. Um assinante.

O nosso jornal é unico, por muitos títulos, e por este também, a saber: os seus assinantes, são também os seus melhores colaboradores e ainda por cima pagam a assinatura!

AQUI, LISBOA Visitantes

Já não é nada pequena a barca em que navegamos e, por isso, vão sendo também cada vez maiores as tormentas que a açoutam.

Ainda bem que não cai sequer um cabelo da nossa cabeça sem a permissão do Pai Celeste. Sem permissão do mesmo bom Pai, não entra nem sai daqui, uma palha e ninguém consegue agitar as águas que calcamos. É a Providência que vela. Não há melhor vigia nem piloto.

Um dia de tormenta foi o de 31 de Agosto. Logo de manhã, a Regente veio dizer que se tinha acabado o arroz.

- Que quer que se faça? — Perguntou ela.
- Dê batatas até que venha o racionamento.
- Mas já temos poucas...
- Não tenha medo. O arroz há-de vir a tempo.

Pouco depois um aviso urgente chamava-me a Lisboa. Partí de casa, mas o transporte?

A' beira da estrada, via passar as camionetas em fila e, lá consegui um lugar, duas horas depois.

Uma vez em Lisboa recomeçam os trabalhos. Era preciso que o notário me reconhecesse, como Director da Casa do Gaiato, para assinar determinado documento.

O primeiro notário estava de mau humor.

— Traga-me o Diário do Governo donde conste a sua nomeação.

— Impossível! Bem vê: trata-se duma obra de Assistência particular em que os directores não ganham nada e ainda tem de andar a pedir.

Claro que ninguém quer ser director nem com um decreto do Governo.

— Mas, nesse caso, traga-me a cópia da acta da sessão em que foi nomeado.

— Também não temos actas nem fazemos sessões. V. Ex.^a para dar de comer aos seus filhos não foi nomeado pelo Governo, nem lavra actas, nem faz sessões. A Casa do Gaiato é uma casa de família.

O homem era de pedra. Não consegui nada. Procuro segundo notário. Repete-se o diálogo e volto com o documento sem ser reconhecido.

Procuro um terceiro. Nada!

Era preciso regressar ao Tojal; já não tinha pernas para mais passadas. Fui bater à porta de cinco empresas de camionagem para conseguir lugar. Risos daqui, troça dali. A dificuldade estava toda no cabeção. Tivesse eu gravata vermelha...

Ao chegar a casa deparo com uma série de contas a pagar. Escrevi para Paço de Sousa a pedir dez contos. O correio safu depois das 10 da noite.

As' três da manhã, há alvoroço no rés do chão.

— Acuda! Temos ladrões em casa!

— Não tínhamos nada. As pernas também se querem para fugir...

Puzemos trancas na porta, como manda o ditado, e fomos descansar o resto da noite.

* * *

Até aqui a frente da medalha; agora vamos ao verso.

Tinha-nos chegado, dias antes, um rapazinho com todos as qualidades negativas que se podem imaginar. Feio, atrasado mental, mau, e doente dos olhos. Olhei para ele, mas não consegui fixar: o pus escorria-lhe dos olhos.

É impossível, disse comigo mesmo, que Deus nos não anda, só pelo sacrifício que fazemos em olhar para esta criança. Não me enganei.

Quanto ao arroz veio na hora própria. Um telegrama de Lisboa mandava procurar um calxote, vindo de Africa. Chegou no mesmo dia em que se acabou o do racionamento.

Quanto ao documento, um quarto notário recebeu-nos amavelmente e contentou-se com duas testemunhas. O nosso amigo Zé Ninguém assinou e pagou tudo. Em boa hora o encontramos.

Os ladrões vieram também na sua hora — quando ninguém contava. Providencialmente um pequenito tossia convulsivamente nesse momento. P.^o Luiz acorda e levantou-se para o ir agasalhar, tal como fazem as mãezinhas, e, em tão boa hora, que espantou os ladrões. Tive pena deles.

Nem os cobres que havia em cima da mesa conseguiram levar. Contentaram-se com um par de meias. Na manhã desse mesmo dia (e há quem não acredite no dedo de Deus!) um novo telefonema anunciava a oferta duma junta de bois e logo a seguir, 20 contos no banco.

Os donativos têm continuado a pingar. Uma família de visitantes deixou 2.000\$00. Nesta soma entra também o donativo da criada. A' senhora dos 40\$ comunicamos que foi cumprido o seu piedoso desejo. Aqui, do Tojal assinalamos uma carrada de melões.

Da Beira um cheque de 200\$. Dois visitantes pobres — 100\$ e 50\$ e outro tanto em Coimbra. Os empregados da Sociedade de P. Lácteos têm também continuado firmes com os 375\$ mensais. Outros visitantes foram deixando 90\$ e mais moedas pequenas. Continuam a chegar o Papagaio, o Diabrete e mais revistas e latas. O tratador dos suínos ficou radiante com mais três exemplares. Por um que nos quer tirar o pouco que temos, há 100 que nos querem encher a casa.

Benedictus Deus!

P.^o ADRIANO.

Nota da quinzena

Tinha havido um incêndio naquela noite, aqui perto, que deixou no fio duas famílias; um carpinteiro e um alfaiate. Ficaram sem nada; o fogo tudo lambeu. Era necessário acudir aos sinistrados e fazê-lo sem demora.

Tudo aquilo que tu gostarias que os homens te fizessem, já-lo também tu a eles.

A fórmula é clara, simples e decisiva. É no imperativo.

A linguagem do Evangelho é toda assim.

De sorte que mandei colher informações no lugar e entreguei uma quantia. Este dinheiro, fez mui naturalmente falta à nossa economia e a primeira nota do *negócio*, foi o ter eu ficado imediatamente sem ele. Mas o caso urgia. Estavam ali duas famílias, nossas irmãs, à míngua, por uma violência. E nestes casos, o Evangelho urge também.

Entreguei, como disse, e precisamente na maré em que o fazia eis que um automóvel roda avenida acima.

Vem ali o dinheiro, afirmei eu interiormente. Não foi uma conversa com os meus botões. Tão pouco um cálculo. Foi uma voz. *Vox Domini*.

O carro pára em frente da casa-mãe e eu continuo a trabalhar. O cicerone traria o dinheiro, a seu tempo. Daí por muito espaço e já esquecido de tudo, pelo trabalho, assomo à janela. O carro estava. Recordei e esperei...

Nisto, desço à cozinha. Dou com os olhos numa senhora sobre uma cadeira, transportada por dois dos nossos mais fortes. Andava a ver. Quiz ver tudo, tudo, tudo. Com 84 anos de idade, leitura de ponta a ponta, conquanto há mais de vinte deles esteja somente a leite, esta Senhora toma, agora, o Gaiato todos os quinze dias, e não lhe tem feito nada mal! *Eu até leio o foi visado pela comissão de censura, revelou-me ela. E não lhe faz mal!*

No fim, deu-me uma nota de cem escudos. Ao vê-la, tornei a afirmar interiormente: *Não é esta.*

Não era aquela não senhor. A tal, estava nas mãos do filho. Foi ele que ma deu. Foi ele o feliz, chamado a repôr o dinheiro; *todo o dinheiro, que eu antes dera!!*

Quatro prontos:

Primeiro, a minha alegria. A alegria de quem sabe e conhece o terreno que pisa. Luz e certeza dos mistérios. Entrar nos segredos do Pai Celeste!!

Segundo, a minha comunicação àquela família, depois de ter recebido o dinheiro, e a alegria que todos experimentaríamos.

Terceira, a mesma alegria, repartida agora por vinte mil leitores a qual, com o ser dada a tantas almas, em nada é diminuída.

E finalmente, a realização do mandamento — *Date et dabitur*, vista, apalpada e sentida por todos os corações.

Ora aqui é que está. Aqui é que se encontra o valor razoável e social das fortunas. *Dá e ser-te-á dado.*

Mas primeiramente dá tu. Dá prá frente, consoante a necessidade do teu irmão. Olha para ele. Considera-o a ele. Esquece te de ti. *Dá.* O resto, não é da tua conta. O Pai Celeste olha

Sempre que passo os Domingos fora da Aldeia, e bem quizera nunca o fazer, á minha chegada, hei-de saber ao mesmo tempo e de muitas bocas, o que se passou na minha ausência. É um tufão!

Eles já sabem os nomes e marca dos carros. Distinguem o *espada do charruêco* e discutem. Aquecem a falar. Eu fico cansado de os escutar. Não custa nada o envelhecer, quando a velhice serve a juventude!

Ora muito bem. Depois do tufão de ontem, segunda-feira, no meu regresso do Estoril, vem o Jacinto dar uma nota de 20\$00.

Foi duns senhores, por lhes ter ajudado a encher uma roda, disse.

Contente, por notar a fidelidade do rapaz, é com grande tristeza que me dirijo ao Visitante desconhecido, a quem peço não o torne a fazer, e a todos, *todos os visitantes*, também.

Se aquele senhor visitante houvesse pedido o auxílio do rapaz e este tivesse sujado as mãos e soprado à roda, e rastejado no chão e tudo o mais que fosse necessário, e ao depois lhe desse um apêto-de-mão. Se assim tivesse acontecido, logo, ficaria o rapaz com a suprema consolação de ter prestado para alguma coisa em favor de alguém, e isto seria a sua *natural* recompensa. Mas não. Não foi assim. Lá estava a nota; o selo da mediocridade!

Faz pênna esta intromissão. O dinheiro a intrometer-se. O dinheiro a secar as fontes *naturais* do brio e de generosidade. Já não há no mundo amadores! Nem se canta por amor, nem se joga por amor, nem se serve por amor. Apagou-se o conceito de servir. Quem o diz? *Toma lá 20\$00.* E o rapaz recebeu 20\$00. É o mundo que o diz. A' força de ver tanta coisa falsa, o mundo anda falsificado. Dá pena!

Meus senhores, vamos reagir. Senhores visitantes, vamos reagir. Começemos aqui, com estes rapazes, nesta aldeia, aonde tudo é nosso. Todo o serviço que eles vos possam prestar enquanto sois hóspedes, chamai por eles, mandai buscar, ocupai racionalmente e amorosamente. Deixai que eles vos sirvam livremente, por devoção, que o mesmo é dizer — *amar*. Servir e amar são palavras sinónimas. Não há ninguém no mundo que as mereça nem nada que se lhes possa igualar. Ultrapassam as forças da natureza humana. São um favor Divino. Porém é coisa nossa. Por uma disposição misteriosa de quem levou a vida a servir e amar, todos nós participamos da natureza divina. Oh amor! Tanto, tão desmarcado, tão louco, que não se acredita n'ele!

Toma lá 20\$00. A outros, por outros serviços, dão-se milhares e milhões. E sem esses milhões a roda não anda. E não anda, justamente, por via dos milhões...

Senhor, deixai-me servir. Servir até ao chão. Fazer recados. Pegar em cestos. Levar pacotes. Tudo coisas apagadas tidas por nada, como convém aos servos inúteis.

Lêde e propagai "O GAIATO"

por nós, se nós bem olharmos pelos interesses d'Ele. Ora o seu interesse é que nos amemos.

Aqui há tempos, em uma rua do Porto, alguém aproxima-se e diz — *Não o conheço, mas sei que é fulano.* E logo em seguida deu o sinal: *E' que ouvi a uns homens que agora mesmo passaram: Val all quem mais recebe e mais dá em Portugal.*

E', é verdade. E' assim mesmo. Guardasse eu para mim alguma coisa, e havíamos de ver quem é que me dava alguma coisa!

O Evangelho, meus senhores é uma exactidão tremenda! É uma força terrível! Se alguém te disser do doce rabi da Galileia, não faças caso. São poetas a fazer renda.

Mas quando os prégadores da Cruz falam do Revolucionário que veio ao mundo trazer a espada, então sim. Escuta e se tens coragem faze-te tu também um revolucionário à Sua moda.

E mais nada.

OUTRA VEZ A VIAJAR

Continuação da 1.ª página

não pode haver amor. As duas coisas não cabem no mesmo saco.

Mas continuemos com a reunião dos três. Dos três grandes.

A primeira coisa que vem para cima da mesa, é o dinheiro, que também se chama a força e economia da obra. Dinheirinho. Padre Adriano quer. Padre Manuel quer. Eu também quero. Todos trazemos obras e rapazes em mão; muitas obras e muitos rapazes. Todos queremos dinheiro. E' um côro de gemebundos. A gemer contraímos. A gemer mantemos. A gemer esperamos contra toda a esperança.

Por isso mesmo, resolveu-se em sessão plenária que no dia seguinte saíssemos a semear. Enquanto o fazemos nas igrejas, afirmamos publicamente a Pobreza Altíssima do Evangelho, denunciámos o deus-milhão e negamos o valor dos seus inumeros e desorientados adoradores. Sem prestígio, sem política; fracos e ignorantes: — Nunca se viu tanta audácia na mão de homens assim!

Segue a viagem. Às dezasseis largamos a Casa de Miranda. Compramos fruta em Alcobaça à qual juntamos duas latas de atum, que foi o nosso jantar um nadinha além das Caldas, na berma do caminho. Era noite alta quando chegamos ao Tojal, tão alta, que já estavam na cama todos os habitantes da casa. Entramos no grande átrio do antigo Palácio da Mitra, hoje espoliado porque fôra rico!

Mal o motorista deu o sinal, aparece um rapaz à janela que também deu sinal. Dos sinais, vem a confusão. Daí a nada, no grandioso átrio de reis e cardiais, vê-se uma enorme multidão de rapazes em cuecas, outros de calções, os mais pequenitos em camisa e esta muito curta!... E são abraços. E são perguntas. E são vivas. E são pinchos. Um delirar nocturno!

O senhor director da Casa do Gaiato de Lisboa não estava, como sabemos. Não fez falta nenhuma. Estava a nossa incrível e adorável desordem. O escândalo. O grande escândalo dos nossos tempos.

Amanhados os ânimos, fomos dormir. Amanhã é domingo. Estoril à vista. Partimos. Atravessamos Lisboa de manhãzinha. Paramos no Estádio. Os rapazes viram e miraram e perguntaram. Ali se batem os seus amores!

A's horas, estávamos em frente da igreja paroquial, aonde eu ia disputar a camisola amarela. Em igrejas d'outros sítios, naquele domingo de Setembro, P.º Adriano e P.º Manuel faziam precisamente o mesmo. Qual dos três seria o campeão? Eu não! Eram bandejas de prata batida, preciosas forradas de veludo carmezim. Um luxo. Os meus dois rapazes saíam com elas da sacristia na maré do peditório e regressavam tristes: *Dão-nos tão pouquinho!* Eu que faço tudo e dou tudo por os vêr contentes, ali, na terra da prata e do veludo, via-os tristes e não lhes podia valer! Vem a hora de outras missas. Outros peditórios. Na mesma!

Fôra, nas esplanadas, é um mundo a fazer poeira: Coches a duas parelhas com creados de libré. Os meus rapazes olhavam, espantados, e queriam saber o que aquilo era. E poeira, disse-lhes eu.

Até o padrezinho da Companhia que me não deu o altar, que era senão poeira a homilia que êle fez? E parece que prégava! oh poeira!!...

Não trouxe a camisola amarela, sim, e ia ficando mas é sem o Morris!

De tantos, não havia lugar para todos. O nosso Morris, por ser pequeno, comeu dos grandes. Uma trombada. Uma trombada no guarda lamas de um senhor grande. Fiquei desolado, ao têr conhecimento. *E agora*, pergunta-me o nosso motorista. *Agora nada*, disse eu, *comer e calar.*

Partimos para Sintra, e de caminho, fui explicando ao rapaz a doutrina vigente do mais forte. Em Sintra almoçamos. Um senhor ali quiz saber se eu é que era e cobriu as despesas. Outra vez fruta em Alcobaça e o jantar que d'ela fizemos, teve lugar na Batalha. A's dez da noite, estávamos no Lar do Porto. E d'aí por uma hora, entramos em Paço de Sousa.

Porém, o Estoril não é bem nem é tudo quanto acima fica dito. Não é. O verdadeiro Estoril, é alguém que ali mora, no meio de pinheiros e que já deu para a Obra da Rua 50 contos, mais 20 contos, mais uma junta de bois e algo mais que se espera da mesma família.

Não vi na igreja êsse Alguém. Reparei. Não vi. Talvez se aborreça de lá ir por causa da tal poeira...! E também trouxe da terra, nova espe-

rança em meu peito. Foi o caso que no final da missa do meio dia, vieram à sacristia dar o nome para assinantes do famoso. *Escreva lá:—* Maria Clotilde e Maria do Rosário e Maria Izabel. Uma só é que estava a dar os nomes acima aos quais juntou o sobrenome: Figueiredo. *Tantos Figueiredos*, disse eu. Sim, diz ela. Agora escreva mais um. *Escreva Fausto Figueiredo.* Quiz saber. *Somos filhas de Fausto Figueiredo* E êste também ficou por assinante. Que bom! Trago de lá nova esperança no meu peito...! Esperar é o meu verbo. Esperar que Deus me veja. Esperar que os homens me encontrem. Esperar que os rapazes da Rua se façam homens de bem.

Esperar contra, acima e fora de toda a esperança. Isto não é poeira.



Um visitante de categoria

Foi na igreja de Espinho. Eu pedia, quando um senhor ali presente me comunica o seu desejo. Mais; a necessidade de visitar a Casa do Gaiato:

— Sim senhor.

— Mas v. dá-me lá de comer?

— Sim senhor.

— Mas da comida dos rapazes?

— Sim senhor.

— A' mesa d'eles?

— Sim senhor.

Oh deliciosa palavra; *sim*. Gosto d'ela. Gosto de a dar. Gosto de a receber. Dia e hora marcadas, aí vem o Senhor. *Presidente*, foi nomeado Cicerone, que por isso recebeu na volta do correio uma bola de categoria e mais brincados, para os quais pediu a protecção e chaves do armário do seu chefe... Isto aqui é tudo gente muito séria, já se sabe, mas as coisas tentam...

O Visitante trazia um bloco de papel, no qual ia escrevendo, escrevendo, escrevendo. E também escreveu uma carta, depois que foi chegado ao sítio de onde aqui viera. Por ela; por essa carta, ficamos a saber que o Visitante falara com um grupo de Senhores da mesma categoria, e conversa foi ela, que produziu uma remessa de alguns milhares de escudos *por agora*, como lá vem a dizer. *São dívidas que pagamos*, como também lá explica.

Ora assim é que eu gosto. Doutrina. Doutrina social. Doutrina certa. Dinheiro a circular, por um imperativo de consciência cristã.

E' por aqui que temos todos de caminhar senão... caminham os outros! Não nos demoremos mais tempo no doce engano da água benta e dos pingos de cêra e das esmolinhas.



De como foi a venda do 118

Assombroso! Para cima de dois mil e quinhentos exemplares no Porto, sem falar nas mais cidades e vilas!! De sorte que os nossos rapazes pelas ruas e nós, os padres da Rua, pelos altares, — quem puder fugir que fuja a tempo!

Perguntado o Abel, que despachou 300 exemplares, aonde é que êle vai descobrir tantos fregueses; ás primeiras não disse, mas, instado, revelou. E' nos correios. E explica. *Os correios agora são meus. Deu-mos o Zé Sá quando deixou a venda. Depois o Cete roubou-mos mas eu tornei a acaçá-los e agora é ali que eu vendo mais. Os correios são meus.*

Que linguagem perigosa. Tomar assim posse das pessoas, sem cerimónias, como se tudo no Porto fôsse d'elles—*os correios são meus!*

Também aqui tenho um cartão um nadinha perigoso. E' de um professor.

Este pequeno grande jornal, produz muito maior bem de quantos periódicos, cujos números consomem toneladas de papel em anuncios e outros factos de sabor semelhante.

Ora essa? Não apoiado. Não apoiado. Os grandes jornais. Os informadores. A inundação cotidiana dos oito tostões.

Não apoiado senhor professor.

O P.º Adriano, pediu mais 50 d'elles para

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

No dia 12 de Setembro de 1948, realizou-se mais uma reunião dos meninos da conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato com assistência de todos os confrades assistente e presidente.

Antes de tudo procedeu-se à reza das orações habituais e em seguida fez-se a leitura espiritual pelo livro: *Segredo de Heroísmos*.

O capítulo que foi lido intitulava-se: *César na tempestade*.

Seguiu-se a explicação do texto que incitava o jovem cristão e principalmente o jovem confrade a lutar pelo bem na tempestade da vida pois quem vai no nosso leme é Jesus.

Seguiu-se o inquérito: os confrades foram interrogados de como se tinham desempenhado da visita aos pobres antes realizada.

A pobrezinha do Carapinhal estava em casa e aí a visita decorreu em amena conversa. Na Capela da Senhora da Boa Morte não estava em casa.

Nós não podemos tolerar mais isto, pois a visita ao pobre consiste em o confrade ir visitar o pobre a sua casa.

No Corvo o homem estava melhor. Na estação os confrades estiveram a conversar com os pobres.

Nas Miãs o pobrezinho pediu-nos um casaco e uma camisola e o filho estava a fazer uma vassoura. Muito amavelmente me disse obrigado pela esmolita que lhe damos.

Como não havia mais nada a tratar fez-se o peditório na reunião que rendeu 29\$30 e encerrou-se a sessão com as orações habituais.

Presidente: José Pinho de Carvalho

Secretário: João Carlos Freitas

Tesoureiro: Fernando Alexandre Guedes

No berço da obra, respeitam-se as tradições; os rapazes mantêm a sua Conferência de S. Vicente de Paulo com pequenas visitas aos seus Pobres. E' admirável observar o espírito de generosidade que anima esta classe. Eles nunca dizem que não a quem quer que seja e estão sempre número um quando se trata de dar aos que racionalmente nos pedem. Esta é a nossa principal fonte de receita: Dar. Quando tudo parece ameaçar ruína, nós não temos medo de nada. O Dar salva-nos.



Lisboa. Vão agora trez centos e meio. Será o despertar? Oxalá. Lisboa ouve tão mal! Cêra nos ouvidos? E acorda tão tarde! Doença ou preguiça?

Aos inumeros lisboetas que nos visitam em Paço de Sousa, eu falo imediatamente da casa do Tojal. Não conhecem. Nunca ouviram falar. Realmente, êle *há* por lá coisas tão importantes que as somenos não teem lugar.

Isto é a Casa do Gaiato

VIEIO aqui uma família do Douro, que gostou muito dos nossos porcos, mórmente de uma ninhada de dez d'elles. Gabou o gado, gabou o tratador, gabou tudo, e deixou instruções para que chegada a maré, se lhe mandasse pelo caminho de ferro um exemplar. Assim aconteceu. Nove porquitos foram para a feira e uma porquita, embarcou em Cete para a estação de Cola. Sergio fez a caixa, Avelino mandou os documentos e o comprador quis dar-nos 200 escudos, uma carta a dizer que o animal fizera boa viagem, que era muito bonito, que comia muito bem e mais e mais e mais. Os da feira, deram, em media, 100\$00 cada um. Senhores e Senhoras do Douro, região tão falada pelo vinho e coisas mais, comprai-nos porcos por aquêlê preço.

O Pirulas veio cá fazer o seu primeiro fim de semana. Ele ganha 200\$00, empregado numa loja de comercio, e espera-se que dê boa conta, porque não se trata de nenhuma confeitaria...

Pirulas chegou no sabado á tardinha. Tudo nêlê era sorrir: os companheiros, a quinta, o Top, o Nero, o Marão. Saudades que tinha, alegria que ora sente de ver e gozar o que é seu;—tudo nêlê era sorrir.

No dia seguinte vem um domingo de sol. Não ha obrigações. E' dia de brincar. Pirulas não para um momento. Todos lhe emprestam os seus carros, as suas bicicletas, os seus papagaios e outros brinquedos. Ele aceita tudo de todos. As avenidas da nossa aldeia não chegam. Ele não cabe.

Oh mundo! Oh munduzinho! Não discutas coisas altas e... inuteia. Abai-

xa-te mas é. Abaixa-te até ás crianças. Abaixa-te até aos Humildes. Amar os homens é fazer assim, e sem este amor, não há mundo que preste. Assim o disse o Pirulas, na sua primeira viagem á nossa aldeia, após a ausencia necessaria de um homem que tem emprêgo.

ESTEVE aqui há dias uma família muitissimo interessada em ver e conhecer o Piriquito. Em todo o modo queriam vêr o rapaz ali ao pé. Mas Piriquito não aparecia. Nisto, apparece no grupo um dos refeiteiros, o Norberto, o qual trazia um olho negro. Eu tinha dado fé, mas já não faço caso. Mas fizeram os aenhores, e perguntaram ao ferido o que tinha sido.

—Foi o Piriquito.

Pronto, disse eu. *Aqui teem o Piriquito. Que mais querem os senhores vêr e conhecer d'ele?!*

O Norberto é o refeiteiro da mesa dos senhores. Tráz há muito tempo um grande desejo no peito: Sair comigo de automóvel na primeira ocasião. Se eu parto sem ele dar fé, apenas chego, aí vem a gemer: *Não me levou!*

Ora ele, por qualquer defeito, não era capaz de dizer trez palavras: *Abobora. Espingarda. Garrafa.* E eu, para me desculpar, respondia: *Quando souberes falar, aparece.* Ontem, domingo, cheguei a casa noite alta, de uma viagem longa. Quem me appareceu? Quem é

que me havia de apparecer aquella hora? Foi êle, Foi o Norberto. *Já sei dizer.* E disse correctamente! Pronto. Está o passeio garantido.

VIEIO mais um de Freixo do Numão. Tisnado dos caminhos, espertalhão, mau como as cobras. A primeira que fêz, foi mandar um calhau ó *Faisca*, a pontos de êle ir á Farmácia da terra, na ausencia do enfermeiro da casa. A' noite houve tribunal. Reu e victima compareceram. Esta, vinha de carnes roxas e olhos empanados. Colocou-se á beirinha do réu.

—Vês?

—Estás contente ou estás triste?

Fêz-se silêncio. O culpado abaixa a cabeça.

—Não dizes nada?

—Estou triste!

Pronto. Acabou o tribunal. Por agora fica assim. Outra calhoada que êle mande, outro será o julgamento!

EU cheguei de fóra. O Sapo foi o primeiro a vir ter ao pé de mim e abraçando-me ia exclamando:

Deixe-o ficar. Deixe-o ficar. Eu fitava o rapaz, sem nada dizer, por não saber do que se tratava e ele continua:

Fica não fica?

Era um rapaz que tinha chegado de manhã. O Sapo foi o primeiro com quem êle conversara e agora, senhor da sua

historia, queria em todo o modo vê-lo na aldeia: *Deixe-o ficar!*

Andei. Rompi a multidão dos que já se tinham juntado, aonde se encontrava o pequenino andrajoso. Ele vai falar. E' um rapaz simpático e rasgado. Há da parte d'ele aquella comoção forte de quem fala pela primeira vêz com um senhor que lhe pode valer. Eu era êsse senhor. A duvida se seria atendido mai-la afflicção de o ser, causavam lagrimas fundas no desgrenhado.

—Que queres que eu te faça, rapaz?

—Tome conta de mim!

Chega-se para mais perto, levanta uns olhoa confiantes: *Não tenho quem me arremende e ando assim!*

Não se queixa por não ter um fate decente. Não sente que o mereça por nunca têr tido nada. Quer andar ao menosa remendado. Ficaria assim contente. Parece-lhe mal os andrages.

Tem mãe, mas não tem pai!

Ela teve-me de solteira! Que expressão tão linda se não fosse uma desgraça!

O rapaz chora. Quer a Mãe. Mãe que o amasse.

Estava agora a comunidade inteira ao redor de mim. Muitos respondiam com lagrimas suas ás d'êlê. Era noitinha. lamos todos á ceia. O desamparado continua. Ele quer dizer mais. Quer dizer toda a sua desgraça áquella multidão infantil que ali chora com êle, por amor d'êlê. Talvez nunca o pequenino tivesse visto lagrimas por êle, cansado de chorar aa proprias,—talvêz.

E' o homem da minha mãe que me não quer em casa.

Outra revelação. Outra desgraça dos mal casados.

Os refeiteiros chamam. O caldo está na mesa. *Agora é nosso*, foi a voz de todos. *Ficas cá.* Maia um prato na mesa. Mais alegriu na aldeia.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

por PEDRO JOAO

1 Ainda no número anterior pediamos uma junta de bois e vacas leiteiras. Os bois foi uma senhora do Estoril que os ofereceu. Valem mais de doze contos. Fui eu buscá-los mais um dos trabalhadores do campo. Como era muito longe, foi daqui uma camionete para os trazer. A viagem foi alegre, porque os bois eram muito precisos. Quando cá chegaram foi tudo vê-los. Não ficou ninguém na quinta, na cozinha, na costura, nem nas oficinas. Era uma algazarra! Quem ficou entregue a eles foi um gaiato que o senhor Padre Adriano trouxe da Nazaré. Ele já apanhou duas marradas, mas não tem medo.

Os bois têm muita força, já lavraram um grande pedaço da quinta. Como ninguém ofereceu, tivemos de comprar charrua e vamos encomendar um carro de bois.

2 No princípio deste mês veio definitivamente mais um assis-

tente para a nossa obra. Era do seminário dos Olivais. Mas ainda não é padre. No dia em que ele veio, os ladrões assaltaram aqui a nossa casa às três horas da manhã. Com um trado furaram a porta em quatro sítios e arrebentaram com a fechadura. Quem nos livrou desta foi o senhor Padre Luis. Chegou por acaso à janela e viu um homem encostado à parede a espreitar enquanto mais dois faziam o trabalho. Como ele não sabia que eles eram ladrões, nem tão pouco pensou nisso, deixou-se estar à janela. Quando eles o viram a ele então é que foi dar às pernas. Nem tiveram tempo de levar o cofre. Só demos por falta dum par de meias que estavam no arame. A Guarda Republicana já nos ofereceu uma espingarda.

3 Já cá temos um motor a tirar água para regar. O hortelão andava todo atarefado porque não havia água que chegasse. Ele diz que agora já remedeia.

Custou quinze contos. Dá dois rêgos de água e esgota o pôço em três horas!

4 Se a gente pedisse tudo o que era preciso, nunca mais acabava.

Os gaiatos andavam sempre a pedir ao senhor Padre Adriano para deixar pôr no "Gaiato", que nós também queríamos uma bicicleta para cá. Só agora é que ele disse que sim. Os gaiatos esperam por ela ainda este mês. A senhora também quer uma balança para a cosinha, eu quero também o relógio—Vamos a ver quem tem sorte!

5 Já agora que estamos a falar no Estoril vamos ver de como foi o peditório na igreja principal.

Primeiro fui lá eu vender o "O Gaiato" e falei com o senhor prior para combinarmos o dia do peditório. Depois foi o senhor Padre Adriano, mas não o encontrou e teve que lá voltar. Tivemos de tirar uma licença por eserito até que

ficou tudo em ordem e escrevemos para o Pai Américo para êle vir. O Pai Américo chegou aqui ao Tojal no sábado, perto das onze horas da noite. Veio ele mais dois gaiatos: o chefe da redacção do famoso e outro rapaz de Lisboa. Partiram daqui às seis horas da manhã. O peditório rendeu três contos.

O Pai Américo ficou d'esanimado, pois era com muito sacrificio que ele o veio fazer. No fim ficou mais satisfeito quando appareceu uma senhora com uma assinatura para o nosso jornal. Era dum senhor a quem o Pai Américo andava para pedir uma coisa há muito tempo. Deus queira que ele tenha sorte ao menos nisso.

**Visado pela
comissão
de censura**